

“Índice de vida melhorou”

Dr. Saúde

Médico fala sobre estudo em prematuros desenvolvido no HMIB

Jefferson Guimarães Resende é o responsável pelo estudo do remédio Surfaxin testado em 13 recém-nascidos no Hospital Materno-Infantil de Brasília. O medicamento, denominado surfactante, promete acelerar o desenvolvimento pulmonar de prematuros com mais eficácia que os já legalizados. Segundo o médico, ao contrário do que as mães estão avaliando, o projeto modificou para melhor o índice de mortalidade. Em países desenvolvidos, com os Estados Unidos, Canadá e até na Europa, a melhor faixa de mortalidade dos bebês seria de 22%, enquanto que no Brasil é de 15%, garantiu ele.

Em entrevista ao **Jornal do Brasil** ele falou dos testes que são realizados com os prematuros, sobre os riscos de mortalidade e garantiu que as mães escolhidas estavam em condições de avaliar proposta do hospital, descartando a hipótese de estarem sob efeito de sedativos quando foram abordadas.

Sobre a afirmação da mãe solteira, semi-analfabeta, que veio para Brasília do Tocantins para ter o filho, de que não sabia o que o remédio poderia causar, ele duvidou:

– É a palavra dela contra a minha.

As mães de prematuros do HMIB afirmam que está sendo feita uma experiência com seus filhos. Que experiência é essa?

É um estudo com um medicamento utilizado há mais de dez anos em todo o mundo. Ele é igual ou melhor ao que já existe. É um surfactante feito com uma proteína similar a humana. Mas ele é todo artificial. Esse estudo começou a ser montado no Brasil em abril do ano passado. A Secretaria de Saúde aprovou, o Ministério da Saúde também e, depois, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou o envio do remédio para testes.

Na madrugada de ontem, um bebê que participava do programa faleceu?

Tinha 765 gramas. Bebês abaixo de 1250 gramas, que são os incluídos no projeto, tem 50% de risco de mortalidade. Ao contrário do que as mães estão avaliando, o projeto modificou para melhor o índice de mortalidade. As mães se assustam porque as crianças tem um risco enorme de óbito. Mesmo nos Estados Unidos, Canadá e Europa a melhor faixa de mortalidade desses bebês é de 22%. A nossa é de 15%, o que é ótimo. Até 26 anos atrás, elas não sobreviviam.

Mães afirmam que aceitaram participar do programa sob o efeito de sedativos.

Não é verdade. Isso eu posso afirmar. As mães são abordadas numa condição em que elas estão na mais absoluta

tranquilidade. Nossa intenção é colocar no projeto mães que possam se beneficiar.

Algumas dizem que, apesar de semi-alfabetizadas, são induzidas a assinar um papel sem saber as reais vantagens e desvantagens.

Só teve um único caso de mãe analfabeta. E nós chamamos uma testemunha de fora do hospital para assinar. Tanto o pai quanto a mãe queriam participar do programa.

Mas existe um outro caso de uma mãe solteira, semi-analfabeta, que veio do Tocantins para ter o filho e não sabia o que o remédio poderia causar.

Foi tudo explicado para ela. E ela disse que sabia ler e escrever. Eu estou dizendo uma coisa e ela está dizendo outra. É a minha palavra contra a dela. (L.M.)

Fernando Bizerra Jr./BGPRESS



Jefferson Resende rebate acusações de que as mães estariam sob efeito de sedativos quando foram abordadas para serem incluídas no estudo dos bebês prematuros